

OS ERROS HÍBRIDOS NA GRAFIA DAS VOGAIS TÔNICAS

SIMONE SILVEIRA DA SILVA¹; ANA RUTH MORESCO MIRANDA²

¹Universidade Federal de Pelotas – simonesilveira.s16@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anaruthmmiranda@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As crianças ao escreverem deixam pistas sobre o que sabem, tanto a respeito do sistema fonológico como em relação ao sistema de escrita alfabético-ortográfico. Tais pistas se materializam nos erros produzidos em suas escritas iniciais. Podemos dizer que a ocorrência de erros na etapa inicial da escrita alfabética é algo bastante comum devido à característica do nosso sistema, o qual apresenta tanto relações biunívocas entre fonema e grafema (um fonema para um grafema), quanto relações múltiplas (um fonema representado por diferentes grafemas e um grafema representando diferentes fonemas), conforme definido por LEMLE (1987). O estudo dos erros (orto)gráficos¹ encontrados em escritas de crianças em fase inicial de escolarização é a base dos estudos do GEALE (Grupo de Estudos Sobre a Aquisição da Linguagem Escrita) com sede na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas ao qual se integra este estudo. O grupo de pesquisa trabalha com a ideia de erro construtivo postulada por FERREIRO e TEBEROSKY (1984), para quem o erro pode caracterizar a hipótese formulada pela criança sobre o sistema de escrita em aquisição. O GEALE trabalha com três categorias de análise que foram sendo construídas ao longo dos anos a partir de uma busca pela motivação para a ocorrência do erro. De acordo com o critério utilizado, têm motivação ortográfica os erros decorrentes da arbitrariedade e contextualidade do sistema, têm motivação fonológica os erros decorrentes de complexidade segmental ou prosódica e têm motivação fonográfica os erros que envolvem traçado, sequenciamento, inserção ou omissão de letras ou sílabas. O estudo de MIRANDA (2020) descreve as três categorias (fonológica, ortográfica e fonográfica), porém chama a atenção para os casos em que o erro pode apresentar mais de uma motivação para a sua ocorrência, o que a autora denomina “erro híbrido”. De acordo com Miranda (op.cit.), podem ser considerados híbridos, por exemplo, os erros que envolvem a grafia das vogais tônicas, das soantes palatais /ʎ/ e /ɲ/, dos ditongos fonológicos, o uso do acento gráfico e os processos de hipersegmentação de palavra. Neste trabalho temos o objetivo de descrever e analisar os erros (orto)gráficos de natureza híbrida referentes à grafia das vogais tônicas produzidos por crianças da 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública e outra particular. Chamamos atenção para o fato de as vogais tônicas apresentarem relações biunívocas entre fonemas e grafemas, à exceção das vogais médias altas /e, o/ e médias baixas /ɛ, ɔ/, as quais são grafadas por <e> e <o>. Com a finalidade de estruturar este estudo exploratório, foram analisados trabalhos realizados pelo GEALE ao longo dos últimos anos, os quais

¹ [...] o uso de parênteses, isolando o elemento de composição “orto-”, tem a finalidade de demarcar a diferença existente entre erros relacionados às regras do sistema ortográfico propriamente dito – os quais envolvem relações múltiplas entre fonemas e grafemas, definidas contextual ou arbitrariamente – e erros produzidos na fase inicial do desenvolvimento da escrita, que são muitas vezes motivados por questões representacionais ou por influência da fala, isto é, referentes à fonologia da língua. (MIRANDA, 2019, p.17).

tematizaram a grafia de vogais, cito: MIRANDA (2008), MONTEIRO (2014) e MIRANDA e PACHALSKI (2020). De acordo com os resultados observados na revisão realizada, o segmento vocálico não apresenta a estabilidade esperada, tendo sido registrados erros na grafia das vogais tônicas envolvendo troca entre vogais o que foi interpretado como processos de supergeneralização de regra, conforme exemplifica a escrita de ‘perfome’ para ‘perfume’. Os resultados apresentados nesta pesquisa são parte integrante de uma Dissertação de Mestrado em desenvolvimento.

2. METODOLOGIA

Para este estudo foram levantados 81 erros, relativamente às grafias de vogais tônicas, sendo 42 dados extraídos de textos da escola pública e 39 da particular. Os textos de onde os dados foram retirados são de alunos que cursavam da 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental em duas escolas da cidade de Pelotas-RS. Esse material compõe o estrato 1 do BATALE (Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita), um banco composto por nove estratos. As variáveis linguísticas definidas para a análise dos erros, com base no estudo de MIRANDA (2008), MONTEIRO (2014) e MIRANDA e PACHALSKI (2020), são: tipo de vogal, ponto de articulação da vogal (coronal e dorsal) e altura da vogal (baixa, média ou alta). E as variáveis extralinguísticas são: tipo de escola e série. Os dados da amostra foram organizados em tabelas para procedermos à análise.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A computação dos dados referentes aos erros envolvendo a grafia das vogais tônicas, tendo-se em conta o parâmetro da altura das vogais, pode ser observada nos gráficos apresentados a seguir (Figuras 1 e 2), os quais trazem os resultados na escola pública e na particular:

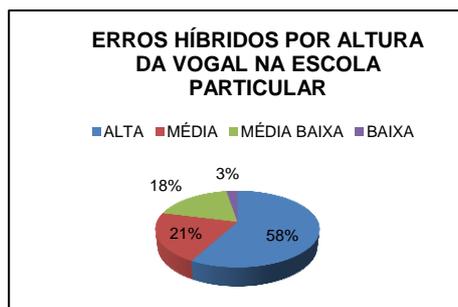


Figura 1



Figura 2

Como pode ser observado, na escola particular, 58% dos erros encontrados incidiram sobre a grafia das vogais altas ‘i’ e ‘u’, sendo 30% relativos à coronal ‘i’ e 28% à dorsal ‘u’. Quanto às grafias das vogais médias altas, ‘e’ e ‘o’, e das vogais médias baixas, ‘ε’ e ‘ɔ’, os índices são de 21% e 18%, respectivamente. A vogal baixa representa o menor índice de erros, 3%. Já na escola pública os resultados indicaram a incidência de 38% dos erros na grafia das vogais altas ‘i’ e ‘u’, 38% dos erros na grafia das vogais médias altas ‘e’ e ‘o’, 24% dos erros na grafia das vogais médias baixas ‘ε’ e ‘ɔ’, não sendo registrado erro na grafia da vogal baixa ‘a’. Ainda que os percentuais entre as escolas sejam diversos, podemos constatar uma estabilidade nas grafias da vogal baixa em ambas e, se com-

parados os índices das escolas em relação às médias e às altas, vemos um predomínio de erro envolvendo as vogais altas na escola particular e as médias na pública.

Quanto à variável ponto de articulação, a análise dos erros demonstrou um equilíbrio entre os resultados obtidos nas duas escolas, conforme mostra a Figura 3.

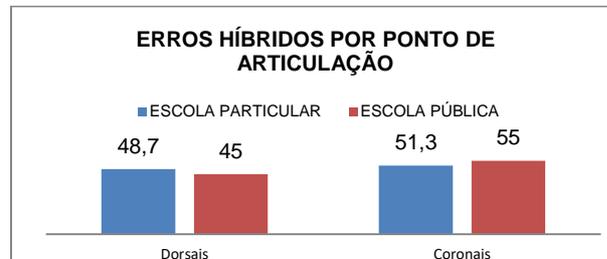


Figura 3

Em relação às vogais dorsais² registramos 48,7% dos erros da escola particular e 45% da escola pública; enquanto as vogais coronais³ apresentaram índices de 51,3% nos dados da escola particular e 55% nos da escola pública, o que mostra que as coronais são mais afetadas em ambas as escolas.

Acerca da variável série, considerando-se os estudos referidos, é esperado que à medida que os anos escolares avançam os erros apresentem tendência à redução. Vejamos o que mostram as Tabelas 1 e 2, a seguir, referentemente aos erros envolvendo as grafias de vogais tônicas.

Distribuição de erros por série – E. Pública

SÉRIE	Oc. de erro	%
Primeira	5/42	11,9
Segunda	16/42	38,1
Terceira	12/42	28,6
Quarta	9/42	21,4

Tabela 1

Distribuição de erros por série – E.Particular

SÉRIE	Oc. de erro	%
Primeira	14/39	35,9
Segunda	9/39	23,1
Terceira	11/39	28,2
Quarta	5/39	12,8

Tabela 2

Na escola pública a menor incidência de erros é encontrada na primeira série ao passo que na escola particular o menor índice está na quarta série. Uma possível interpretação para esta discrepância pode estar relacionada ao fato de os erros na grafia das tônicas terem relação com processos de supergeneralização de regras, os quais implicam a observância de regras, neste caso, ortográficas, como por exemplo, “escuta-se x, mas se escreve y”, tal como ocorre em relação as vogais átonas finais, “escuta-se [u], mas se escreve <o>”, por exemplo. Os estudos revisados para este trabalho, cujo foco incidiu no mesmo estrato do BATALE, mostram que as crianças da escola pública somente alcançam o patamar de escrita das crianças da escola particular no segundo ano, o que anuncia uma defasagem entre os dois grupos. Sendo assim, podemos pensar que há realmente um decréscimo dos erros à medida que avançam as séries, da segunda para a quarta na escola pública e da primeira para a quarta na particular.

² Representado pelas vogais /u/, /o/, /ɔ/, /a/.

³ Representado pelas vogais /i/, /e/, /ɛ/.

4. CONCLUSÕES

Os resultados obtidos neste estudo exploratório indicaram uma maior incidência de erros na grafia das vogais altas, ‘i’ e ‘u’, e médias, ‘ε’ e ‘o’. No que diz respeito aos erros que envolveram a troca de uma vogal alta por uma vogal média, como na grafia de ‘soa’ para ‘sua’ e ‘blosa’ para ‘blusa’, podemos inferir que a existência de variação na fala, em contexto de pretônica, sem que haja regra ortográfica para determinar o uso dos grafemas relacionados às vogais altas e médias, assim como a presença de regra contextual reguladora da grafia das átonas finais (isto é, vogais produzidas como altas devem ser grafadas como médias) estariam motivando o erro por conta de uma analogia estabelecida pelo aprendiz entre aquilo que se observa nas posições átonas e a grafia das vogais tônicas, produzindo erros por supergeneralização. O aspecto a ser observado, em se considerando o foco nos dados híbridos, é a presença de um fenômeno fonológico, que poderia estar conduzindo a hipótese da criança, e a presença/ausência de regra ortográfica contextual relativamente ao registro das vogais. Nesse sentido, é possível identificar duas possíveis motivações para a ocorrência do erro, o que reafirma o caráter híbrido do erro na grafia do segmento vocálico tônico. Tanto a ortografia quanto a fonologia parecem ser fatores relevantes na produção desse tipo de erro. Falta, entretanto, identificar se há alguma pista que permita definir uma hierarquia entre os dois fatores motivadores. Seriam fatores fonológicos ou seriam fatores ortográficos, aqueles preponderantes para escolha gráfica da criança? Essas perguntas serão guias para o desenvolvimento da dissertação. A observação das variáveis série e escola mostrou, até aqui, um comportamento relativamente similar entre as escolas e uma tendência à diminuição desse tipo de erro. Quanto às variáveis linguísticas, altura e ponto, notamos uma estabilidade em relação à vogal baixa e uma menor incidência de erros nas vogais dorsais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, [1984] 1999.

LEMLE, M. **Guia Teórico e Prático do Alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1987.

MIRANDA, A. R. M. A aquisição ortográfica das vogais do português: relações com a fonologia e a morfologia. **Letras**, Santa Maria, v. 36, p. 151-168, 2008. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/geale/?page_id=1097>

MIRANDA, A. R. M. Um estudo sobre a natureza dos erros (orto)gráficos produzidos por crianças dos anos iniciais. **EDUR - Educação em Revista**. Belo Horizonte [online]. 2020, vol. 36, e221615. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/geale/?page_id=1097>

MIRANDA, A. R. M.; PACHALSKI, L. Dados de aquisição da linguagem e sistema pretônico das vogais do Português: fonologia e ensino. **Veredas**, v.24, n.3, p.368-390, 2020.

MONTEIRO, C. R. **Sistema vocálico do português brasileiro: ortografia e fonologia na escrita infantil**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/geale/?page_id=1130>